

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SARA VON ZUBEN HERZER

POR ESTE CAMINHO. SIM OU NÃO?

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SARA VON ZUBEN HERZER

POR ESTE CAMINHO. SIM OU NÃO?

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a Conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

AGRADECIMENTO

A Deus

Por me conduzir até esse momento.

À Maria

Mãe de Jesus, que por muitas vezes a invoquei pedindo sua proteção, durante essa caminhada.

À minha família

Cláudio, meu marido, e meus filhos, Bruno, Samira e Rafael, pelo apoio e incentivo.

Às minha colegas

Vanilda, Cleusa, Andreia, Neusa, Rita e Rosana e as demais da Turma J.

Pelas horas que estivemos lado à lado.....

Pelas alegrias e correrias compartilhadas...

Pela ajuda e compreensão recebida...

Pela certeza de nossa chegada!

Hoje vivemos essa grande vitória !

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	5
2 POR ESTE CAMINHO. SIM OU NÃO?.....	6
3 MINHA INFÂNCIA.....	8
4 NA ESCOLA DE MEU PAI, CONCEITOS PIAGETIANOS.....	10
5 MINHA MÃE, MINHA PRIMEIRA PROFESSORA.....	12
6 ADOLESCÊNCIA.....	16
7 NO MOBREAL UMA ESCOLA VIVA.....	18
7.1 MOBREAL, AÇÃO COMUNITÁRIA.....	19
8 MINHA EXPERIÊNCIA NA REDE ESTADUAL.....	28
9 PROFESSOR ALFABETIZADOR X PROFESSOR INVESTIGADOR.....	32
9.1 A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO.....	34
10 VIDA ACADÊMICA.....	40
11 INFORMÁTICA, MEU PRIMEIRO DESAFIO.....	42
12 A INCLUSÃO SOCIAL DO ALUNO DEFICIENTE.....	45
12.1 UMA INCLUSÃO QUE NÃO DEU CERTO.....	47
13 DIFERENTES CONCEPÇÕES CURRÍCULARES.....	50
14 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL.....	52
15 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	60
ANEXOS.....	62

1 - APRESENTAÇÃO

“Grande é a tarefa que nos espera...
Para todos os seres humanos, constitui quase um dever
pensar que o que já se tiver realizado é sempre pouco
em comparação com o que resta por fazer”

João XXIII

Este documento constituiu-se num memorial descritivo para conclusão do curso do PROESF (Programa de Formação de Professores em Exercício) da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Procurei registrar lembranças e momentos significativos de situações que ajudaram a compor minha formação, minha vida profissional, enfim, minha história.

Focalizei aspectos de meu desenvolvimento profissional e pessoal, revelando nuances de meu trabalho, do meu aprendizado junto aos alunos, aos meus colegas de trabalho, aos meus superiores e aos novos conhecimentos adquiridos através do curso do PROESF.

A vida me propiciou erros e acertos. Sei que os erros podem ser transformados em acertos quando com eles se aprende, e o aprender assim como o ensinar é uma arte, cuja prática deve ser sempre aperfeiçoada. Acreditando nisso, é que há três anos iniciei um novo caminho através do PROESF.

2 - POR ESTE CAMINHO. SIM OU NÃO?



Nesse exercício de recordação ou ensaio de autobiografia esta paisagem geográfica marca o início dos meus registros, por evocar lembranças muito significativas.

Ao ser questionada o motivo que me levou a escolha do magistério, vejo um filme. Em frações de segundos, me transporto para esse local, me sinto novamente criança, voltando da escola. Essa viagem no tempo, são aquelas sensações únicas, como ouvir uma música e lembrar de uma pessoa, sentir um perfume e lembrar de um momento.

Essas recordações têm o poder de reviver os sentimentos, alegres ou tristes, e esse, particularmente me deixa muito feliz.

Quando tomei conhecimento de que eu deveria registrar, através de um memorial, fatos significativos, emoções vividas e lembranças que ajudaram a construir minha vida profissional e acadêmica, parei para pensar: Por que este lugar?

Não foi difícil recordar-me do grupo de crianças que comigo faziam o caminho até a Escola Mista da Fazenda Rio da Prata nos anos 1961 e 1962. Um dia, quando voltávamos da escola exatamente nesse lugar, (foto) onde havia um pequeno morro localizado entre duas grandes fileiras de casas da colônia,(que não existem mais) uma menina, filha de um dos colonos, começou a perguntar a cada um de nós o que queríamos ser quando crescesse. Eu respondi que queria ser aeromoça, viajar e conhecer muitos lugares. Ela olhou-me e disse: *“Tenho certeza que você vai ser professora”*. Eu discordei. Aquela afirmação feita com tanta convicção não me agradou. .Por algum tempo essa conversa ficou martelando em minha cabeça, como uma “sentença”, entretanto eu não conseguia aceitar essa idéia. Por mais que eu pensasse, eu não queria ser professora.

Mais tarde porém, aconteceu um episódio que rapidamente associei a essa lembrança, foi um teste vocacional do qual participei no Cine Ouro Verde em Campinas, patrocinado pelo cursinho Mac Poli, onde o resultado sugerido foi magistério especificamente para as séries iniciais. Nessa época, eu queria cursar alguma coisa ligada a área de alimentação, pretendia fazer Tecnologia de Alimentos. Mas, devo concordar que tanto minha colega, como o teste vocacional, estavam certos.

3- MINHA INFÂNCIA

Nasci em 1952 em Campinas, São Paulo. Passei minha infância na Fazenda Tamburí, a qual pertencia a minha família. Minha mãe teve quatro filhos, a primeira uma menina, depois eu e minha irmã gêmea e por último um menino.

Minha infância foi repleta de crianças. Irmãos, primas, primos, crianças de sitiantes e fazendeiros vizinhos e muitas, muitas crianças filhos de colonos com quem dividíamos e planejávamos nossas brincadeiras.

Ao relembrar esses momentos não posso deixar de registrar nossas aventuras em meio a liberdade e a tranqüilidade que a vida no campo nos proporcionava. Fazíamos balanças de cipó na mata (escondidas dos adultos, pois eram consideradas perigosas) brincávamos de casinha, esconde-esconde e nas noites de verão em frente de casa ou no jardim da casa das tias (sede da fazenda) as brincadeiras como balança caixão, passa anel, roda-roda, coelhinho na toca, provocavam tanto alarido que os adultos (tios ou tias), ameaçavam com uma varinha caso não diminuísse a gritaria.

Atualmente, essas brincadeiras que nos divertiam tanto e que eram aprendidas de forma tão natural com os mais velhos, precisam ser ensinadas nas escolas infantis, no fundamental, chegando a fazer parte do currículo nos projetos folclóricos, para que não caiam no esquecimento, não se percam no mundo informatizado vivido pelas crianças.

Segundo Elkind (.2004) “Precisamos garantir que as crianças aprendam as muitas habilidades sociais e intelectuais oriundas do brincar no mundo real.” e ao se referir aos efeitos do brincar virtual afirma que “a falta de respeito com os

professores, intimidações, atitudes violentas, incapacidade de concentração, tão comuns nos dias de hoje, podem ter sua origem na falta de brincadeiras no mundo real, momentos onde a criança adquire habilidades pessoais e sociais, essenciais para seu relacionamento.”

4- NA ESCOLA DE MEU PAI, CONCEITOS PIAGETIANOS.

Meu pai, assim como seus dezessete irmãos (um morreu aos sete anos de gripe) cresceram em meio a uma comunidade de imigrantes suíços na Fazenda Capela, atualmente bairro da Capela onde leciono, nos arredores de Rocinha, hoje Vinhedo.

Como não havia escolas, as famílias suíças se reuniram e contrataram uma professora, pois, para eles, era muito importante que seus filhos fossem alfabetizados e inseridos na cultura de sua nova pátria.

Segundo ele, essa escola não obedecia o ano letivo como as demais, não havia férias, as crianças ao completarem sete anos iam para a escola, não importando a época do ano, também não possuíam caderno e no lugar desse usavam uma “pedra” e um giz para registrarem as atividades. Outro fato que sempre me chamou a atenção, é que ele não sabia dizer até que ano estudou, pois a classe não era dividida por série ou ano como era chamado; entretanto no momento em que a criança chegava a escola, a professora aplicava um teste para avaliar o conhecimento da criança e a partir daí, ela ensinava até atingirem uma certa idade e um nível de aprendizado, considerado suficiente para ficar em casa.

Registrei este pequeno histórico pelo fato de que essa professora, em meados de 1915, já enxergava o aluno com outro olhar, pois ela avaliava e considerava seu conhecimento prévio e a partir daí retomava o aprendizado. Vejo nesta prática pedagógica, conceitos dos teóricos construtivistas “É possível enxergar o que o aluno já sabe a partir do que ele produz e pensar no que fazer para que ele aprenda mais”. Weisz (2002)

Apesar desse “sistema de ensino” tão peculiar, meu pai era um grande conhecedor do conteúdo de matemática do ensino fundamental. Ele resolvia com muita facilidade, as atividades de nossos livros e ainda gostava de nos desafiar, criando situações-problemas e contas com as quatro operações.

Lembro-me que em casa, tínhamos um escritório, onde meu pai passava horas, contabilizando o movimento da Fazenda e lendo o noticiário do Jornal.

Minha mãe Leonor Lourenção Von Zuben, era descendente de italianos, nascida na cidade de Jundiaí, mudando-se para Vinhedo na adolescência.

5 - MINHA MÃE, MINHA PRIMEIRA PROFESSORA

Em nossa fazenda não havia escola e a mais próxima ficava a uns três quilômetros de casa. Numa tarde de janeiro bastante chuvosa, apareceu em nossa casa, uma professora muito jovem que estava visitando as famílias a procura de crianças em idade escolar, para compor o quadro de alunos exigido, pois aquela escola era considerada uma Escola de Emergência e só funcionaria se atendesse o número de alunos estabelecido pela Secretária de Educação.

Essa professora conversou com meus pais e ficou combinado que nós iríamos para a escola (eu e minha irmã) com apenas 5 anos de idade. Começaram as aulas, minha irmã gêmea, chorava desesperadamente desde que saíamos de casa a pé, até a escola que ficava a 3 Km. Depois de uns 15 dias, minha mãe resolveu deixar a chorona em casa e só eu continuei. A caminhada agora era feita em companhia de um priminho, 1 anos mais velho do que eu. Nessa época minha irmã mais velha, alguns primos e os filhos de colonos estudavam na outra escola que ficava a 4.5 Km de casa.

Iniciei assim a minha 1ª série e dessa professora tenho vaga recordação, lembro-me entretanto que ela dava-me atenção especial, por ser uma das alunas mais novas e pela necessidade de minha presença para manter o número de alunos exigidos para o funcionamento da mesma.

Passado o 1º mês de aula, a escola deixou de ser prazerosa. Minha irmã brincava feliz e eu tinha que ir para escola, até que um dia, chorei e meu pai veio em meu auxílio e concordou que eu era muito pequena e deveria ficar em casa.

Dias depois de eu ter desistido, mamãe começou a receber bilhetinhos da

professora, através de meu primo, pedindo que eu voltasse, pois ela dizia que eu estava progredindo e apreendendo normalmente.

Como mamãe não voltou atrás, num sábado pela manhã apareceu a professora em casa, acompanhada de um grupo de alunos, para me convencer a voltar a escola. Lembro-me que “sumi” ao ser avisada de que ela estava na sala conversando com minha mãe.

Atrás de nossa casa, havia um terreiro enorme de café, composto por quatro grandes quadras ladrilhadas em diferente níveis e ligados por escadas. Do primeiro para o segundo nível, havia uma escada com degraus dos dois lados e embaixo uma abertura com um pouco mais de um metro de altura, parecia uma gruta. Foi lá que me escondi por mais de uma hora. De nada adiantou os argumentos da professora, eu não voltei aquele ano para escola.

Desse pouco tempo que freqüentei, lembro-me dos cartazes pendurados na parede, dos numerais feitos com muito capricho e da cartilha Sodré que eu fiquei de herança. A primeira lição era da pata.

Eu “lia” várias vezes ao dia e ensinava minha irmã. Lembro-me de muitas gravuras dessa cartilha e por isso considero as gravuras fundamentais nos primeiros livros pois elas ajudam a imaginação infantil.

No ano seguinte, com seis anos meus pais resolveram, me matricular em outra escola, que apesar de longe, era considerada muito melhor e lá já estudava minha irmã mais velha e primos. A professora Yaci C. Rosset, não concordou com a matrícula, pois pela lei só poderiam ser matriculados, crianças com sete anos completo.

Por iniciativa de minha mãe, ficou combinado, que ela nos ensinaria em casa até o mês de agosto e depois passaríamos a freqüentar as aulas.

Tínhamos aulas, todas as tardes, quando ela interrompia nossas brincadeiras, para aprender a “ ler e escrever”. Mamãe nos alfabetizou com a cartilha Caminho Suave. Lembro-me ainda de todas as gravuras, como a do bebê com a letra (B), do macaco representando (M), do navio com a fumaça (N). Por diversas vezes, fiz uso desses cartazes, nas classes de alfabetização, como recurso visual para auxiliar crianças com dificuldade de aprendizagem, principalmente aquelas que por problemas cognitivos confundem as letras m/n e b/d.

Minha irmã mais velha, cursava o terceira série do ensino fundamental e como a classe era multisseriada (1º, 2º e 3º), ela anotava diariamente as lições da 1º série e depois repassava-as para mamãe, que por sua vez se esmerava em nos ensinar. Ela tomava leitura todos os dias, dava ditado e produção de frases. Preocupava-se muito em acompanhar o conteúdo, tanto de português, quanto de matemática. Em agosto fomos para escola. Lembro-me dos elogios que recebíamos na hora da leitura, pelo capricho do caderno, porém estávamos mais lentas no ditado e a professora designou uma aluna da terceira série, para nos auxiliar até que adaptasse-mos ao ritmo da classe.

Hoje, com muito orgulho afirmo que minha primeira professora foi minha mãe, que só havia cursado até a terceira série, em uma colônia de imigrantes italianos onde morava.

Apesar do pouco estudo que mamãe teve, ela era um leitora voraz. Lia freqüentemente o jornal, o Estado de São Paulo, romances, revistas como “O Cruzeiro” e de fundamento religioso.

Concluimos assim nosso 1º ano escolar e nessa escola ficamos até o terceiro ano. Para cursar o quarto, eu e minha irmã, mudamos para Vinhedo na casa de

duas tias solteiras, irmãs de minha mãe, onde já morava minha irmã mais velha que cursava o ginásio.

Que sofrimento foi aquele ano! Quanta tristeza!

Hoje ao recordar, ainda sinto vontade de chorar. Mamãe prometeu que nos faria vários vestidos de boneca (ela costurava muito bem), para que nós aceitássemos morar na cidade. Eu tonta, fiquei empolgadíssima, já imaginando os vestidos novos de minha boneca. Minha irmã mostrou-me, que nada adiantaria as roupas novas da boneca, sendo que ficaríamos longe de casa, da mamãe, do papai e do meu irmãozinho que eu tanto gostava.

Mal sabia que ai colocava-se um ponto final a uma vida sorvida, sentida, tocada, respirada na natureza, nas brincadeiras, nas águas barrenta do rio, no perfume suave das trilhas no meio do mato, por onde andávamos, armando juquiás (arapucas) para pegar rolinhas, no leite fresco da cocheira que eu morria de nojo, mas tomava. A partir desse ponto, tudo ficou restrito as férias ou aos finais de semana, apesar dos meus pais continuarem a morar na fazenda.

6 - ADOLESCÊNCIA

Naquela época, após a conclusão do curso primário, havia o exame de admissão, muito concorrido, pois em nossa cidade só existia uma escola pública. “Ginásio Estadual Patriarca da Independência” e uma escola particular “Colégio Santa Filomena”.

Freqüentamos o “Curso de Admissão” e mesmo assim não conseguimos vaga. A solução encontrada foi prestar o exame no colégio particular e fazer a transferência que naquela ocasião custava trinta cruzeiros, valor considerado alto, no entanto, meus pais com grande sacrifício pagaram.

O Colégio era muito bem conceituado, bons professores, severa disciplina, lembrando um regime militar, como o governo daquela época. Nos dois primeiros anos do ginásio, estudava-se o francês e nos últimos o inglês. Na sétima série, ingressei no Grêmio estudantil e fui eleita bibliotecária por um ano.

Como bibliotecária eu não tinha recreio, pois eu recebia e entregava livros para os alunos. Havia listas dos livros expostas do lado de fora e os alunos escolhiam pelo título ou por indicação de outros colegas. O movimento era intenso, pois o professor de português exigia leitura de pelo menos um livro por mês, com ficha de leitura e avaliação em sala de aula. Eu, como bibliotecária, tinha acesso aos livros, sem restrições à quantidade, sendo assim, levava livros de diversos gêneros literários, para que minha mãe também pudesse lê-los. Nesse ano li toda a coleção de José de Alencar, muitos de Machado de Assis e de outros grandes escritores.

Após a conclusão do curso ginasial, fui cursar o colegial em uma cidade vizinha (Valinhos), pois em nosso município não havia. Passei a estudar a noite e

trabalhar de dia, como auxiliar de escritório no Hospital Santa Casa de Vinhedo. Trabalhei nesse serviço durante sete anos, apreendi muito na área de saúde, o que me valeu no atendimento de primeiros socorros, em casos de pequenos acidentes, ocorridos no recinto escolar.

Terminado o curso colegial, prestei novo exame, para ingressar no curso de magistério, em Jundiaí, Colégio Padre Anchieta” e precisei cursar algumas matérias que não constavam no meu currículo. Cursei um ano de magistério, porém as horas de estágio foram referentes a dois anos. Todavia meu trabalho, impedia que eu cumprisse a carga horária durante a semana, fazendo com que eu passasse todos os sábados do ano escolar em sala de aula, que naquela época era considerado dia letivo.

Nessa época passei a morar em república, e meus pais continuavam na fazenda.

Éramos em sete jovens, entre eles meu irmão, minha irmã, um primo e os demais, amigos de vários anos. A última a fazer parte dessa família era uma jovem professora, recém - formada, vinda de São Paulo, cujos pais moravam em uma fazenda onde não havia condições de trabalho, a não ser na lavoura. Essa grande “irmã” veio a ser, anos mais tarde minha cunhada, a quem presto essa homenagem :

Querida Fátima!

A maior dádiva da vida é a amizade.

-- e eu a recebi.

Obrigada.

Hubert Humphrey

(Fátima faleceu este mês, 15/ 05/05)

7 - NO MOBREAL UMA ESCOLA VIVA

O Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBREAL surgiu como um prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho na década de sessenta para fazer frente ao analfabetismo e foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização funcional de jovens e adultos tendo como objetivo "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculos como meio de integrá-las a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida" ¹

Concluindo o curso do magistério e trabalhando ainda na Santa Casa de Vinhedo, como secretária, fui convidada a dar aulas no curso de alfabetização de jovens e adultos, antigo MOBREAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização. Recebí um rápido treinamento, mais para conhecimento do material didático, do que sobre a metodologia a ser seguida e iniciei assim minha carreira no magistério.

Concretizou-se nesse dia, a previsão de minha coleguinha " Você vai ser professora".

Foi uma experiência enriquecedora, visto que trabalhar com adultos faz com que o educador , considere a importância das experiências trazidas por eles, e o ensino toma outro sentido. Você sente a necessidade que o aluno tem em transferir para a vida real os conhecimentos adquiridos na escola.

Aprender escrever seu nome completo, é motivo de imensa satisfação, muito diferente de quando a criança aprende a escrever o seu. O adulto usa seu conhecimento de imediato e sabe valoriza-lo.

1-<http://w.w.w.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.htm>

Para ilustrar, transcrevo um fato ocorrido em sala de aula.

Em 1975, recebi uma aluna com a idade de 61 anos, que logo no primeiro dia, contou emocionada sua história de vida. Seu grande desejo era aprender, a ler muito mais do que escrever. A escrita não lhe fazia tanta falta, pois seus filhos e netos poderiam escrever por ela, mas ler, ela precisaria aprender a qualquer custo.

Depois de alguns meses de aula ela pediu-me que ensinasse os nomes das cidades vizinhas, todos em letra bastão e anotou-os no caderno. Na semana seguinte ela chegou eufórica, contando que havia viajado para a cidade de Jundiaí, sozinha, para tratar da documentação de sua aposentadoria e que havia passado o final de semana estudando os nomes para poder lê-los com rapidez, nos painéis dos ônibus, a medida que se aproximavam. Sua grande preocupação era na volta, quando ela deveria esperar pelo ônibus numa rua no centro da cidade e não na rodoviária.

Ela conseguiu ler o painel sem dificuldade, e afirmou para classe que a partir desse dia, teria condições de viajar sozinha. A felicidade desta senhora contagiou a classe, era uma baiana alegre e bem humorada.

7.1- MOBRAL, AÇÃO COMUNITÁRIA

Um dos motivos do sucesso do MOBRAL em minha cidade se deve ao fato da instalação de centros de aprendizagem em todos os bairros, ainda que funcionando em locais não tão adequados (barracões de granjas, casas, garagens, escolas, igrejas, centros comunitários) sendo mais perto possível do público alvo.

O MOBRAL oferecia dois cursos; Alfabetização e Educação Integrada, este último correspondia as três últimas séries do ensino fundamental. Depois de dois

anos, trabalhando no curso de Alfabetização, passei a lecionar no curso de Educação Integrada, onde os alunos eram mais jovens, e a maioria almejava continuar seus estudos no ensino regular noturno, incentivados principalmente pelas indústrias da região.

Durante este tempo que trabalhei no MOBRAL, tive a oportunidade de participar de diversos cursos oferecidos aos professores e foi através de um desses que aprendi a trabalhar com o “Quadro valor de lugar” (assim era chamado o cartaz de pregas; unidade, dezena, centena) de uma forma bastante prática, onde era ensinado a resolução das quatro operações. Hoje trabalhamos com o material dourado ou ábaco. Também algumas técnicas de produção de textos, de exploração de cenas para registro da história, e outras práticas pedagógicas que mais tarde, pude incorporar ao meu trabalho pedagógico.

Nesta época que trabalhei no MOBRAL, conheci uma pessoa que foi de fundamental importância, na minha formação como professora, tanto no trabalho com adultos, como mais tarde no ensino fundamental. A professora Maria Cristina Medeiros Zillett, supervisora do MOBRAL e coordenadora do Centro Educacional SESI –242, de Vinhedo.

Sob a orientação dessa excelente profissional, aprendi tudo o que faltou no curso do magistério, uma vez que, saí do colegial com habilitação em Ciências Físicas e Biológicas e cursei apenas um ano de magistério. Cumpria neste momento duas jornadas de trabalho, auxiliar de escritório na Santa Casa e professora no curso noturno. Nesta época eu ainda morava em república e a volta para casa mesmo depois de um dia agitado, era bastante animada, pois os outros seis integrantes também começavam a chegar. Os serviços domésticos eram rigorosamente divididos e executados, não importando a hora.

Muito envolvida com a classe e cheia de entusiasmo, preparava aulas até tarde da noite, confeccionava material de apoio, estudava e pesquisava, para o ensino tornar-se mais atraente e dinâmico. A maioria dos alunos provinha de um meio onde o estudo era pouco valorizado, famílias muito pobres e pais analfabetos.

Em agosto de 1977, fui convidada pela coordenadora Maria Cristina à assumir uma classe de primeira série no Centro Educacional SESI ,onde ela era diretora. O ensino no SESI era tradicional, principalmente quanto a metodologia.

A cartilha “Alegria de Aprender” foi usada por muitos anos. A supervisora, ao visitar (inspecionar) a classe cobrava a lição que estávamos trabalhando para ter como parâmetro a quantidade de famílias silábicas já estudadas e supostamente aprendidas pela maioria.

Planejávamos as aulas diariamente e esse diário era motivo de desespero caso fossemos flagradas sem ele. Por ocasião das visitas, da supervisora ou coordenadora, tudo era visto e comparado com os cadernos dos alunos. Estes por sua vez, deveriam estar rigorosamente em ordem, corrigidos ou vistados O material didático, livros e cartilhas, eram oferecidos pela instituição. A maioria dos alunos pertenciam a classe média e média alta e a escola era bastante disputada.

Nos primeiros meses eu me sentia insegura, um pouco assustada, pois era o meu primeiro trabalho com crianças. Devido a troca de várias professoras no primeiro semestre, as crianças apresentavam muitas dificuldades. Havia muita comparação (pelos pais) com relação ao conteúdo trabalhado na outra classe de primeira série e a pressão da direção era grande, fazendo com que eu me esmerasse cada vez mais no planejamento das aulas. Foi um final de ano difícil, não havia colaboração de minha companheira de série, todavia, não me faltou apoio

da direção e isso fez com que eu me sentisse confiante e feliz com o trabalho que desenvolvia junto aos alunos.

Trabalhei vinte e dois anos nesta instituição, e dentre eles, vinte anos com primeira série. Houve uma época em que as classes eram superlotadas, cheguei a trabalhar com classes de 44 crianças e o número de crianças com pré -escola não ultrapassava a vinte por cento.

Mas, mesmo assim, guardo boas lembranças desse tempo, considerava essa escola verdadeiramente meu segundo lar. Fiz grandes amizades que perduram até hoje, com colegas de profissão, direção e pais.

Nos primeiros anos, que lá trabalhei, as crianças entravam para a escola sem nunca ter tido contato com livros ou cadernos. Eu começava com coordenação motora fina, com traçado das letras, com o ensino das cores, e os chamados exercícios de “prontidão”, que na verdade são as atividades realizadas na pré-escola, cuja finalidade era preparar a criança para iniciar a alfabetização. A letra cursiva era introduzida logo no início, o trabalho era cansativo por ser individualizado, porém o resultado era excelente..

Revendo alguns dados para o registro desse memorial, deparei - me com produções das crianças, as quais lí e reli, e fiquei surpresa com o conteúdo e o nível do aprendizado.

Eu acredito, que a criança que vem sendo trabalhada desde o início com letra cursiva, traçado correto das letras, uso da letra maiúscula inicial, paragrafação, termina o ano com uma aprendizagem satisfatória quanto aos aspectos estéticos. Ainda que, esses critérios não sejam tão importantes nas séries iniciais, farão com que o aluno se aproprie progressivamente desses conceitos evitando procedimentos errados que com o passar do tempo ficarão mais difíceis de corrigi-los.

Atualmente esses erros são comuns, em virtude da proposta do uso da letra bastão até o final do ano, e depois, de forma atropelada passar para a letra cursiva onde as crianças não conseguem diferenciar o uso da maiúscula inicial, sendo necessário criar outros momentos, outras estratégias para a assimilação de conceitos que poderiam ter sido assimilados de forma mais natural, e no início do processo, a menos que não seja mais necessário a escrita com letra cursiva com proposta de ensino.

O medo e a insegurança de professoras mais jovens, com quem trabalhei e trabalho, quanto ao uso da letra cursiva, foi desfeito a partir do trabalho em equipe que procuramos realizar em nossa escola e esse paradigma de que é “difícil” para a criança, deixa de existir, a partir do momento que você começa a avaliar os resultados.

Uma estratégia que gosto de utilizar é contar histórias, (quase todas de minha autoria) as quais iniciei na época do SESI para trabalhar com as sílabas fonéticas semelhantes como: -x-ch, j-g, sc-s. Contudo, o mais importante é o procedimento utilizado: contar a história, registrar na lousa destacando as palavras chaves, e a seguir, para que aconteça a fixação de forma lúdica e menos cansativa, partir para desenhos e dramatizações. Utilizo ainda outros procedimentos para ajudar os alunos na fixação dessas dificuldades ortográficas; meninos contam a história para as meninas e vice versa, números pares contam para os ímpares. Somente depois, que a maioria assimilou a história, com destaque para as palavras chaves é que passo para a seguinte. Deixo para a classe o convite (desafio) para que no próximo ano, os alunos que ainda se recordarem da história venham contar para as novas turmas. Essa estratégia cria expectativa nos ouvintes e no relator pois é ele quem conduzirá a aula, chamando a atenção para as palavras chaves.

Escolhi registrar duas destas histórias, as quais já são utilizadas por professores da rede.

Dona Geraldina

Dona Geraldina faz regime.

Na geladeira ela tem: gelo, geléia, gelatina e uma tigela de gemada gelada.

No almoço ela come: salada de vagem, gema cozida e suco de tangerina.

Eugênio e Geni, são seus filhos gêmeos.

Geni estuda em um bom colégio e Eugênio é mágico.

Ele gira a cartola e faz aparecer: uma girafa, um relógio, um gibi e um girassol gigante.

Geni quer ser artista, faz esculturas com argila e gesso.

Ela já fez várias imagens e uma bonita carruagem.

Agora ela será homenageada no colégio e haverá uma grande festa.

Dona Geraldina sairá do regime para comer e beber junto com toda gente.

Pajé , valente guerreiro.

Um jovem pajé, valente guerreiro, saiu de sua tribo montado num jegue para visitar um amigo.

No caminho, ele encontrou Jeremias com um jipe, carregado de berinjelas, jiló e jerimum, para vender no povoado.

O jegue e o jipe iam lado à lado, quando uma enorme jibóia atravessou o caminho.

Jeremias gritou:

- Jesus! Precisamos arrumar um jeito de matar essa cobra!

O pajé muito calmo, pulou do jegue, pegou o arco e a flecha e ...ploft ! Acertou bem na cabeça da jibóia. Colocou a cobra no jacá e prendeu na garupa do jegue.

Logo adiante, encontrou um sujeito que lhe deu uma boa gorjeta pela cobra.

Chegando na casa do amigo, os dois foram almoçar. Comeram carne de jia, canjica e suco de jenipapo.

Na volta ele levou uma injeção para o jesuíta que vivia na aldeia.

Um dia, eu estava fazendo compras em um supermercado da cidade, e ao me aproximar da banca de legumes, uma jovem senhora pegando uma berinjela, olhou-me sorrindo e disse; ---” *Professora, berinjela não tem na geladeira da dona Geraldina, né? Só no jipe do Jeremias.*”

Fiquei olhando, tentando reconhecê-la, mas logo a seguir, ela se apresentou e contou-me que muitas das histórias que contei, haviam sido recordadas por ela e outras ex-alunas, no ônibus da faculdade e o quanto isso havia ajudado na escrita de determinadas palavras. Fiquei feliz, isso deu certo!

Retornando ao ano de (1977), assumi a supervisão do MOBRAL, a convite da professora Maria Aparecida Gradim Duarte, Supervisora Regional de Jundiaí.

No início de 1978, além das duas jornadas, manhã e noite, passei a trabalhar como professora substituta para uma classe de quarta série na rede estadual, (Escola Estadual da Vila João XXIII,) cobrindo uma licença gestante e essa foi minha única experiência com classe de quarta série.

Nesse ano, o MOBRAL passou a desenvolver programas voltados para a área social, com o slogan: “MOBRAL Ação Comunitária”. Fazíamos reuniões nos bairros para levantamento das principais reivindicações dos moradores, e depois

acionávamos os órgãos pertinentes na busca de soluções. Nessa época, não havia em nosso município, qualquer movimento neste sentido, e portanto como um movimento pioneiro, as reuniões contavam sempre com grande número de participantes.

Dentre as ações desenvolvidas conseguimos; coleta de lixo para o bairro Jardim Três Irmãos, verba junto a prefeitura para as obras do centro comunitário do mesmo bairro, ligação de água encanada para famílias carentes que moravam em barracos de madeira, linha de ônibus para outro bairro da periferia (Vila João XXIII).

O MOBRAL, criou em 1973, um programa como complementação da ação pedagógica cujo objetivo era de atender, não só os alunos regularmente matriculados nos cursos, mas determinados grupos da sociedade. Este programa constava de cursos de profissionalização (Preparação da mão de obra), educação não-formal, programas de saúde e culturais.

Como ensino não-formal foram desenvolvidos diversos cursos: corte-costura, bordado, pintura em tecido e artesanato. Para os homens, em parceria com a Escola SENAI de Jundiaí, também foram oferecidos cursos de tratorista (Massey Ferguson), pedreiro, eletricista, encanador e Pintor de Construção, Nos programas voltados para a Saúde trabalhei em curso de Planejamento Familiar, (método natural Billings). Na área social, execução do Projeto Diagnóstico Municipal (março de 1979), e instalação do Programa de Alfabetização pela TV, no posto do MOBRAL.

Anexo 1

As atividades de lazer envolviam as crianças e jovens de todas as escolas; campeonatos (natação, pesca, pipas, corridas), concurso de Música Sertaneja, do qual nossa cidade foi a vencedora na cidade de Capivarí, só perdendo na final que aconteceu em São Paulo. **Anexos 2, 3 e 4**

Na área de Educação, conseguimos junto aos órgãos municipais a implantação das primeiras unidades de ensino infantil, através de um programa voltado para esse público.

Nessa época, nossa cidade contava com apenas duas classes de ensino infantil na rede pública e uma escola particular, portanto a procura por essa modalidade de ensino era muito grande.

Com a ajuda do prefeito Dr. Jonas Ferragut., começamos uma grande mobilização nos bairros e conseguimos a instalação de diversas classes, (espaço físico cedido por escolas e creches) e o professor, pago pelo MOBRAL, em parceria com a prefeitura.

A mais importante e talvez a mais trabalhosa conquista foi a aquisição de uma grande construção inacabada, no bairro Casa Verde, onde foram instaladas três salas de aulas do ensino infantil, diversos cursos e um clube de mães. Anos mais tarde, este local foi desapropriado, dando-se início ao Posto de Saúde do Bairro.

Em dezembro de 1984, com o nascimento do meu terceiro filho, deixei a supervisão do MOBRAL, para poder dedicar-me mais a família.

8 - MINHA EXPERIÊNCIA NA REDE ESTADUAL.

No ano de 1980, prestei concurso para professor na rede estadual de ensino e um ano depois ingressei na Escola Estadual de 1º Grau do Bairro da Capela, a mesma onde hoje leciono. Durante essa década iniciou-se um forte movimento de descentralização, busca de autonomia e gestão das escolas públicas.

Em 1984, na gestão do Governador Montoro, aconteceram muitos debates sobre a necessidade de um novo modelo de escola pública e como mudança significativa descentralizou a merenda escolar para nível municipal, transformou o conselho consultivo das escolas em conselhos deliberativos, mas não conseguiu ampliar a autonomia das escolas.

Nessa época eu lecionava para duas classes de primeira série: SESI e Estado.

Enquanto no SESI, os pais acompanhavam passo a passo o desenvolvimento escolar dos filhos, nessa escola, a maioria das famílias, mostrava-se totalmente alheias. Os problemas familiares interferiam muito no rendimento escolar dos pequenos.

Como professora eu sentia também a falta de um trabalho mais harmonioso, de um planejamento mais bem elaborado e principalmente de uma direção mais presente, mais atuante. Três anos após meu ingresso, ocorreu a troca da diretora e se a situação não era boa, ficou ainda pior.

O papel do diretor junto a unidade escolar (quando aparecia) restringia-se a parte burocrática. Não havia um compromisso deste, junto ao corpo docente, quanto a parte pedagógica, a metodologia, e o planejamento.

Sabemos que o estilo de gestão e direção, a organização interna da escola, as

relações entre os professores, são fatores fundamentais para o bom funcionamento da escola, e, exatamente isso que nos faltava.

Focado na análise de gestão escolar é necessário esclarecer o significado da palavra GESTÃO, “Ação ou efeito de gerir; gerência; administração.” Pelo que se vê, a GESTÃO, envolve ação, ela exige do diretor como principal agente, atitudes comprometidas, liderança que conduza os demais envolvidos com a educação, portanto usuários da escola (alunos e pais de alunos) e os demais que fazem a educação (professores, funcionários e dirigentes...) à participação de forma consciente contribuindo de fato, para a formação do educando.

Contribuindo ainda mais com este quadro, o corpo docente sofria mudanças todos anos, professores entravam e saíam constantemente, pois a lei lhes assegurava o direito de remoção, conseqüentemente não criava-se um vínculo do professor com a escola e entre o corpo docente. Eu, particularmente, sentia muito com isso, pois no SESI a equipe era unida, a direção presente, havia trocas de experiências que enriqueciam nosso trabalho. Apesar desse lado negativo, na rede Estadual cresci muito, era um grande desafio, trabalhávamos sem o apoio da direção e eu me sentia a única responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos.

Uma experiência positiva que vivenciei nessa escola, já no final de minha permanência nessa unidade, foi com o trabalho desenvolvido pela supervisora de ensino a professora Áurea Cândida Sigrist de Toledo Pizza, junto as classes de primeira série.

Através de um material didático elaborado por ela, (infelizmente, não acompanhei todo o processo devido a licença que tirei por motivo da doença de minha mãe), ocasião em que ela fazia reuniões bimestrais com os professores de primeira série, dando-nos orientações quanto aos procedimentos utilizados no

traçado correto das letras e números, (legibilidade) paragrafação, margens regulares, correção, enfim aspectos estéticos da escrita. O material (cartilha) por ela elaborado, mesclada métodos antigos de alfabetização com os princípios da escrita descobertos de Emília Ferreiro. Nessa época em minha escola nada se sabia sobre as teorias construtivistas.

Após o término da minha licença, pedi remoção para uma escola mais perto de casa. Escola Estadual Jardim São Matheus. Foi amor a primeira vista!

Foi durante este ano (1987) que tomei conhecimento da teoria construtivista de Emília Ferreiro. O primeiro contato foi através de um encontro promovido pela Secretaria de Educação com todos os professores da rede de ensino e desse encontro, o que mais nos chamou a atenção, em termos das práticas pedagógicas, foi a total reformulação da concepção de erro e a conseqüente revisão do papel da avaliação educacional.

Dentro dessa proposta pedagógica de alfabetização tendo como referência teórica a concepção construtivista de aprendizagem foi-nos apresentado a construção das hipóteses sobre a evolução da escrita nos diferentes níveis de aprendizado: hipótese pré-silábica, silábica e alfabética.

O princípio dessa transformação criada por PIAGET, está na essência do próprio ser, onde o conhecimento não nasce com o indivíduo, nem é dado pelo meio social. O sujeito constrói seu conhecimento na interação com o meio tanto físico como social.

“Construtivismo é uma teoria, um modo de ser do conhecimento ou um movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da Filosofia dos últimos séculos. Becker(1984)

A discussão do erro assumia um papel importante nesse encontro. A idéia do erro construtivo, mostrou-me outro lado da história. O que até então era considerado erro, passou a visto como tentativa de acerto, mas confesso que não foi nada fácil e nem nesse primeiro momento que consegui assimilar essa nova maneira de olhar o desempenho dos alunos.

A avaliação diagnóstica que tinha como único objetivo, verificar o conhecimento dos alunos para classificá-los em bons, médios e fracos tomou outro sentido, onde a partir do conhecimento do que os alunos já sabem, torna-se possível criar condições para que seu conhecimento avance, desenvolvendo atividades diversificadas para atender os diferentes níveis de aprendizagem.

Como já disse, esse novo olhar, fui adquirindo aos poucos e de forma muito sofrida, pois a partir desse encontro muito tempo se passou até novo contato com essa proposta, a qual iniciei através da leitura obrigatória, nos horários de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), iniciado com a criação do Ciclo Básico, onde ficávamos sózinhas (eu e as outras professoras de primeira série), lendo o livro de Emília Ferreiro “Psicogênese da Língua escrita”. Não houve suporte da direção para orientar-nos na busca desse novo procedimento.

Voltando ao relato de minhas memórias, com a criação do Ciclo Básico, e uma jornada de trabalho maior, precisei optar por um só período e acabei ficando com o SESI, onde vim me aposentar em julho de 1997.

9 - PROFESSOR ALFABETIZADOR X INVESTIGADOR

Durante meus últimos anos no SESI, passei a estudar e analisar os alunos com dificuldades de aprendizagem, pois além da curiosidade como professora enfrentava o problema como mãe.

Comecei a notar certa dificuldade com meu filho, quando ele iniciou o ensino infantil, numa escola particular, aos 4 anos de idade. Até então, eu não havia notado nada, ele era uma criança alegre, bastante comunicativo e de fácil relacionamento. Porém, foi nessa fase que me chamou a atenção a dificuldade na assimilação das cores, na memorização das vogais que eu ensinava através de atividades lúdicas. Diante disso, resolvi procurar a coordenadora pedagógica da escola para uma troca de informações.

Nesse encontro, minhas suspeitas se confirmaram, quando tomei conhecimento do trabalho que vinha sendo desenvolvido para o reconhecimento das cores.

A falta de interesse que ele demonstrava por tudo que necessitasse de certo grau de atenção como; livros, quebra cabeça, jogos de montar e, principalmente, a dificuldade em atender pedidos quando incluídos mais de duas ordens, foram problemas que coloquei para a coordenadora, na esperança que ela me ajudasse a elucidar o problema. Porém, ela tentou-me tranquilizar, dizendo que era ansiedade minha, por ser professora, e não aceitar que meu filho não estivesse entre os primeiros da classe. Em seguida enumerou suas qualidades fazendo-me ver que tudo isso era questão de tempo, portanto eu não deveria me preocupar tanto.

O tempo passou, e apesar da jornada de três turnos, eu procurava acompanhar seu desenvolvimento o máximo possível. Fazia contatos freqüentes

com a escola, que por ser particular, abria exceção, recebendo-me além do horário de expediente.

Não conformada com a situação, com a idade de seis anos, comecei uma excursão, percorrendo uma infinidade de “istas. “

Oftalmologista, otorrinolaringologista, neurologista, fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo, e, uma gama enorme de exames foram feitos (avaliação da motricidade ocular, ortóptico, audiometria) para se eliminar fatores, em todas as áreas, que porventura estivessem comprometendo o processo de aprendizagem . Porém, eu e meu marido, após uma incessante busca por profissionais especializados, não chegamos a um diagnóstico definitivo.

Através de uma amiga, tomei conhecimento da clínica, Raio de Sol, na cidade de Campinas e fui procurar ajuda. Depois de uma série de testes e entrevistas, o diagnóstico apresentado não foi nada claro, dizendo que em algumas habilidades ele encontrava-se além de sua idade enquanto em outras mostrava-se aquém. Iniciamos o tratamento com psicólogo e psicopedagogo, mas, após alguns meses precisamos interromper por motivo econômico. Continuei minha luta, procurando estimulá-lo e incentivá-lo nos avanços e também perdendo a paciência quando a “preguiça” ou os devaneios tomavam conta na realização das tarefas.

Lia muito a respeito de crianças com dificuldade de aprendizagem, mas até então eu não sabia diferenciar o que era distúrbio de aprendizagem e dificuldade escola. Segundo Ciasca(2002 p.8) acontece grande confusão entre o que é um distúrbio de aprendizagem e dificuldade em aprender. Como distúrbio de aprendizagem caracteriza-se a disgrafias(distúrbio na grafia e ortografia) Discalculia (reconhecimento de números e abstração) Dislexia (distúrbio na ato de ler).Ainda segundo a autora, todo distúrbio é considerado como tal, por ser uma

disfunção, um processo orgânico que aconteceu em alguma fase do desenvolvimento da criança. Já a dificuldade de aprendizagem é um problema acadêmico e não está relacionado com o distúrbio. Para Ciasca,(2002 -p.8) a diferença entre o que é distúrbio de aprendizagem e o que é dificuldade de aprender não é notada pelos professores, em razão da complexidade da assunto que envolve exames específicos.

Terminada a pré-escola, eu tinha dúvidas se deveria colocá-lo na primeira série ou repetir o pré, devido as dificuldades que ele apresentava. Optei por colocá-lo na primeira série, com uma professora muito competente, Maria Regina Niero, pois estando na mesma escola que eu trabalhava, seria uma forma de acompanhar mais de perto seu desempenho escolar

Logo nos primeiros meses, começamos a questionar as dificuldades apresentadas por ele: desatento e disperso, dificuldade na coordenação motora fina (desenhos e pinturas), na aquisição e desenvolvimento das habilidades lingüísticas, na coordenação motora grossa - lateralidade.

Depois de juntas termos feito uma criteriosa avaliação, nem eu, nem ela, nem a coordenadora, sabíamos definir o problema. Em um ponto, todas nós concordávamos, ele não apresentava problemas de aprendizagem com cálculos e aprendia as outras disciplinas através das aulas expositivas, metodologia muito usada nas disciplinas de História, Geografia e Ciências, com as primeiras séries. Eu não entendia por que, embora inteligente e esperto era tão oscilante em seu desempenho com a leitura e a escrita.

9.1 - A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO

Após ter participado de um encontro de professores, promovido pelo SESI, na cidade de Jundiaí, onde a palestrante, uma psicopedagoga (infelizmente não tenho maiores dados) discorreu sobre o tema dislexia, comecei a suspeitar de que seria esse o problema de meu filho.

Uma vez, tomado conhecimento desse distúrbio, comecei a estudar e a pesquisar o assunto participando de encontros, palestras com DR. Evaldo José Bizachi Rodrigues, (médico foniatra do Centro de Prevenção da Dislexia, Clínica da Fala, Voz e Linguagem e professor da Puccamp,) e adquirindo livros a respeito do assunto.

Segundo Ciasca (2002) docente da Neurologia Infantil e responsável pela implantação do ambulatório de Neuro Distúrbios Específicos da Aprendizagem da Universidade de Campinas (Unicamp) existem vários distúrbios de aprendizagem. A dislexia é um distúrbio de aprendizagem específico de leitura, a discalculia (da aritmética) a disgrafia (relacionado à escrita).

Toda essa trajetória, veio enriquecer minha formação profissional, pois a partir daí pude reconhecer e entender muitos problemas que acometem as crianças no início da vida escolar.

Quem de nós professores não se deparou com aluno que troca sílabas, substitui, omite letras ou palavras, inverte as letras e algumas vezes tenta ler de trás para diante?

Por mais insistente que seja o professor, estas pequenas dificuldades são difíceis de vencer e a repetição dos mesmos erros, costuma acarretar problemas,

pois elas podem desenvolver uma auto-estima negativa que pode persistir na idade adulta.

Segundo Estill (2001), fonoaudióloga, psicopedagoga e professora do Ensino Especial –SEC/ RGS- Porto Alegre, "A dislexia não é um transtorno de aprendizagem, mas é um transtorno de linguagem que faz sintomas na aprendizagem." Portanto um diagnóstico correto, é muito importante, tanto para a criança, quanto para os pais, pois elimina a suspeita de déficit intelectual.

A constatação de que uma criança é portadora de dislexia, principalmente no grau mais severo, provoca ansiedade nos pais, na escola, pelo fato do atendimento, da rede pública, na maioria das vezes, ser moroso, lento e deficiente.

Infelizmente o despreparo do professor, faz com que os sinais que apontam para o distúrbio, ainda na pré escola, sejam ignorados dificultando e retardando o diagnóstico.

É de suma importância, que este tema seja estudado e debatido junto aos docentes e deveria fazer parte do conteúdo a ser estudado no curso de pedagogia do PROESF (deixo como sugestão, em aulas magnas) com o objetivo de auxiliar os professores a identificar e apoiar o aluno disléxico em sala de aula.

Em uma pesquisa que realizei em 2000, junto aos professores da rede municipal, durante um encontro onde nos foi solicitado sugestões sobre temas que gostaríamos que fossem abordados no curso de capacitação, fiquei surpresa ao indicar o tema Dislexia, devido ao desconhecimento pela maioria professores. Alguns manifestaram apenas saber que se tratava de um distúrbio da aprendizagem, mas desconheciam os sintomas e muito menos como ajudar esses alunos. A partir desse dia, e devido ao interesse demonstrado pelas colegas, comecei a compartilhar meu material (coleccionado) sobre o assunto.

Apesar de saber que o diagnóstico requer muitos exames e diversos especialistas, conhecendo os principais sintomas estaremos ajudando a criança encaminhando-a para os órgãos competentes.

Lí, recentemente um artigo publicado pela revista Aprender, Martins(2003), onde ele declara que “ A atuação do docente não qualificado para o ensino da língua materna, (professor sem formação superior na área do magistério ou sem formação pedagógica) poderá contribuir para o aparecimento da dislexia.

Não posso concordar com essa afirmação , primeiro por tudo que já lí a esse respeito, segundo pelo meu trabalho responsável e consciente junto a um grande número de alunos que observei em diferentes graus de dificuldades e em três escolas onde pesquisei (SESI, Escola Municipal Prof. Cláudio Gomes, Escola Municipal Dom Mathias) e principalmente fundamentada na afirmação. De Estill (2001) “A criança disléxica, nasce disléxica”. Ou quando adquirida em consequência de traumatismos, acidentes, quedas, como afirma Rodrigues (1995), professor no departamento de Comunicação da PUC. São Paulo.

Em1988, quando meu filho já cursava pela segunda vez a primeira série, em uma escola particular, (por orientação da psicopedagoga), recebi um aluno, também repetente, com dificuldades ainda maiores que meu filho (trocas ”p” pelo “b”, “f” pelo “v” e “t” pelo d “, desatento, caligrafia quase ilegível com erros de ortografia fora do normal), procurei me informar do trabalho extra classe que vinha sendo feito com ele e na expectativa de maior esclarecimento e conhecimento do problema, agendei uma consulta com a psicóloga que o atendia. Para minha surpresa, ela já havia fechado o diagnóstico, inclusive informado aos pais, que o problema dele se devia a má alfabetização ocorrida no ano anterior. Segundo Estill, (2001) “A criança mal alfabetizada, sofre consequências temporárias no seu processo de alfabetização e

apesar dessas dificuldades iniciais, tende a desenvolver a sua leitura através da ação de ler, ao longo dos anos”.

Este aluno foi aprovado, assim como meu filho, considerando seu aprendizado como um todo, com avaliações diferenciadas, com provas orais, tempo mais longo para a execução, desconsiderando as trocas na escrita como erro por desatenção e aceitando como limitação funcional essa dificuldade.

Anos mais tarde, em um encontro casual com a mãe soube que a criança passou por quatro anos de tratamento com outra profissional, a qual, logo no início, suspeitou do problema e encaminhou-o para uma equipe multidisciplinar para o estudo do caso.

Minha crítica, é no sentido da falta de informação, tanta no curso de magistério, quanto no de pedagogia,(o qual estou concluindo), onde nada foi abordado sobre essa síndrome, e que é tão pertinente ao nosso trabalho; a não ser a orientação individual que recebi da Prof. Silvia Bez Soares de Camargo, da disciplina PE 204- Pesquisa Educacional do Programa de Graduação em Pedagogia, quando escolhi este tema para meu trabalho de aproveitamento dessa disciplina. O desconhecimento do problema, pelos profissionais que com a criança atuam, poderá colocar uma criança saudável e com bom potencial, mas portadora de dislexia, num processo de aparente apatia e desinteresse, pois o insucesso escolar, vai minando sua auto estima, criando nela ojeriza, revolta, para com a leitura e a escrita.

Infelizmente, no Brasil, o acesso ao tratamento pela rede pública é ainda bastante limitado, assim como escolas com programas pedagógicos voltados para o problema, diferentemente do enfoque dado nos Estados Unidos e em vários países da Europa, onde há legislação própria, existem programas de apoio aos pais de

alunos disléxicos e até livros didáticos gravados em fitas para que esses alunos consigam estudar com menos dificuldade.” afirma, Colorni, (1995)

Atualmente, existe um trabalho que vem sendo realizado pelo complexo Unifesp/SPDM através de exames de processamento auditivo para descartar a possibilidade de dislexia e para avaliar a evolução do disléxico. Também esta sendo lançado um software que será usado para o diagnóstico e para terapia.

No artigo “Informática contra a dislexia” de Estela Viana, (2002) é apresentado o resultado de uma estatísticas da Associação Brasileira de Dislexia, onde indica que cerca de 15% das crianças em idade escolar são disléxica. Dessas, 76% são homens e 24% mulheres. Sendo assim, é de extrema necessidade esclarecer e orientar a sociedade com um todo e, em especial, os segmentos mais próximos do problema, mobilizando autoridades e o sistema de ensino visando desenvolver projetos voltados para os disléxicos.

10 -VIDA ACADÊMICA.

Iniciei em 2001 uma nova fase em minha vida. Efetivada na rede municipal, passei a lecionar no bairro mais antigo da cidade, bairro da Capela, reduto de emigrantes suíços e alemães, inclusive da família Von Zuben, da qual faço parte.

Logo que iniciei meu trabalho, passei a freqüentar cursos de capacitação oferecidos aos professores e foi através desses cursos , teóricos e práticos, que passei a conhecer melhor o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança.

Em 2002, já avó de uma garotinha de um ano e oito meses, iniciei meu curso de pedagogia na “Universidade Estadual de Campinas” no Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

Em meio aos afazeres da vida doméstica e profissional (esposa, mãe, sogra, avó, professora) agora também aluna, comecei minha vida acadêmica com um misto de curiosidade e incerteza, mas em meio a tudo isso, a vontade de manter-me atualizada sobre as novas metodologias de ensino e também visando meu crescimento intelectual.

Nossa primeira aula, assim como as outras três (a primeira de cada disciplina) constavam de dinâmicas onde as alunas se apresentavam, falando um pouco da expectativa do curso. Ficou claro que para as alunas mais jovens, cheias de alegria e entusiasmo, o curso era uma continuidade da vida escolar, apesar de já estarem atuando no magistério. O segundo grupo composto pela maioria, mostrava-se curioso; alegres por terem sido aprovadas no vestibular, mas ao mesmo tempo, apreensivas com esta nova etapa. O terceiro grupo, do qual faço parte, consolava-se mutuamente. Sentíamos um pouco temerosas com o novo desafio.

Vários eram os sentimentos que experimentávamos. Estávamos felizes e orgulhosas de estarmos cursando uma faculdade dentro da Universidade como a Unicamp. Mas,...três anos pela frente. Tão grande quanto esses sentimentos também era o medo. Medo de não dar conta de tantos afazeres.

Em primeiro lugar, a família, todas com filhos adolescentes ou pré-adolescentes onde a presença da mãe se fazia necessária. O marido, acostumado com um ritmo de vida, onde nossa companhia no final do dia era aguardada. Cansaço após um dia cheio e depois de tantos anos de luta. Portanto, a alegria desse novo recomeçar, era ao mesmo tempo uma vontade louca de terminar.

Associado a todos esses sentimentos o fato de ter ocorrido certa pressão por parte do secretário da educação para que prestássemos vestibular naquele ano, (haveria ainda outros dois),o que não nos permitiu tempo para planejamento a nível familiar. Talvez por isso tenha havido tanta insegurança, medos e anseios.

Assim como eu, outras colegas eram “alimentadas” diariamente pelo entusiasmo contagiante do grupo mais jovem e pelos APs que nos assistiam .

Comecei assim nova fase em minha vida...

11 - INFORMÁTICA, MEU PRIMEIRO DESAFIO.

Com a municipalização do ensino público em nosso município, o uso da informática deixou de ser uma utopia, para se tornar realidade em todas as escolas da rede. Ainda que, longe de ser o modelo ideal, ele vem agilizando e facilitando nosso trabalho e dinamizando as aulas junto aos alunos.

Quando iniciei o curso de pedagogia, uma das disciplinas do primeiro semestre era informática e como eu havia feito somente o curso básico, onde o ensino foi muito técnico, não me encontrava preparada para orientar e interagir com as crianças, e segundo Fagundes (2004, p.25) "É fundamental que a capacitação dos professores, ofereça experiências de aprendizagem com as mesmas características das quais ele terá de proporcionar aos alunos" e assim meus conhecimentos não iam além do uso do paint.

Aproveitei essas aulas, para esclarecer dúvidas e aprender mais. Infelizmente após o término do semestre, o acesso ao laboratório ficou restrito a uma hora por dia de segunda a sexta, das 17:00 às 18:00 horas , coincidindo com meu horário de trabalho, mas mesmo assim essas aulas fizeram a diferença em minha vida, pois não foi só as instruções recebidas da AP Marcia Gianonni, mas a oportunidade de trocar informações com as colegas contribuiu muito na minha interação com a máquina.(Computador)

A escola onde leciono conta com 15 computadores, infelizmente ainda não estamos fazendo uso da informática para os alunos devido a problemas técnicos da região. Os CD Room são oferecidos pela rede municipal e os professores contam com o auxílio de uma estagiária dentro do laboratório.

Embora sabemos que muitas escolas já adotaram completamente o uso da informática nas atividades diárias, a rede pública vem tentando minimizar esse déficit fazendo com que a criança ainda que muito humilde também tenha acesso a essa tecnologia.

Enquanto para as crianças o uso do laboratório é motivo de alegria, de vencer desafios através das atividades propostas, para os pais, é motivo de satisfação, principalmente no bairro onde leciono, cujo nível sócio-econômico da maioria é baixo, impossibilitando a compra do mesmo. Todavia, mudar as formas de aprender dos alunos implica também mudar as formas de ensinar dos professores

Enquanto a imprensa tornou possível novas formas de ler, as quais, sem dúvida mudaram a cultura da aprendizagem (Olson, 1994; Pozo 2001) as tecnologias da informação estão criando novas formas de distribuir socialmente o conhecimento que estamos apenas começando a vislumbrar mas que, com certeza, tornam necessários novos modelos de alfabetização (Pozo 2001)

A informatização do conhecimento tornou mais acessível o acesso ao saber. Hoje qualquer pessoa informaticamente alfabetizada pode criar sua página na web e divulgar suas idéias ou pesquisar a de outros, sem necessidade de se locomover até a uma biblioteca.

Nosso papel como educadores, é ajudar a criar nos alunos a capacidade de olhar de forma crítica a informação para construir, a partir delas, seu próprio juízo (Pozzo, 2004).

Uma boa didática para isso é proporcionar para a classe a reflexão e o debate de diferentes textos publicitários como artigos de jornais, revistas, textos informativos, propagandas escritas e visuais, etc.

Com a ajuda da informática também tornou possível a inclusão de uma aluna tetraplégica em uma unidade de ensino de nossa rede. Um computador foi disponibilizado para que ela possa interagir de forma eficiente, com o professor e a classe proporcionando a melhoria de sua auto-estima e a possibilidade dessa inclusão.

12 - A INCLUSÃO EDUCACIONAL DO ALUNO DEFICIENTE

Desde fins da década de 70, os profissionais envolvidos com a área de educação especial, na condição de gestores de órgãos públicos, pesquisadores, educadores em entidades assistenciais ligados a esse segmentos, têm se esforçado para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade com as pessoas portadoras de necessidades especiais.

O discurso da *escola inclusiva* toma vulto na educação especial, a partir da década de 90, subsidiada por aspectos legais do direito de todos à Educação, tendo como referência a Constituição de 1988 e, a partir de 1994, a Declaração de Salamanca. (Conferência Mundial de Educação Especial, representado por 88 países e 25 organizações internacionais em Salamanca, Espanha de 07 a 10/06/1994)

Atualmente vem ganhando espaço na mídia a inclusão educacional, entretanto a compreensão do que seja “inclusão” e a forma de como isso deve ocorrer tem gerado muita polêmica. Para alguns, qualquer pessoa portadora de necessidades especiais, independente do grau de comprometimento, pode ser inclusa nas redes públicas de ensino. Para outros, é necessário que os professores se capacitem para esta nova realidade, pois só assim a criança portadora de necessidades especiais terá uma trajetória escolar satisfatória.

As escolas regulares estão procurando atender aos programas de inclusão começando pelos programas de treinamento de professores em exercício(Art.58 a 60 cap.V Lei 9394 de 20/12/1996 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional) como vem acontecendo em nosso município através do curso de linguagem de sinais.

A importância da linguagem de sinais como meio de comunicação entre os

surdos é tão importante quanto a oralidade entre nós, portanto deve-se garantir a eles o acesso a educação em sua língua nacional de sinais. Existem milhares de adultos com deficiências e que nunca tiveram acesso as formas mais elementares de educação, justamente porque no passado, poucas crianças portadoras de deficiências freqüentavam escolas.

Através dos seminários apresentados na disciplina Educação Especial, tivemos a oportunidade de conhecer muitos dos recursos utilizados por deficientes visuais com lupas de diversos graus e modelos, réguas para auxiliarem na assinatura de documentos e uma máquina de escrita em braile, além de uma série de definições norteadoras para o trabalho com o deficiente visual.

Na minha escola, este ano (2005) estamos contando com uma estagiária, Cora Vieira Frossard Franco, portadora de deficiência auditiva profunda que utiliza tanto o método Libras (Linguagem Brasileira de Sinais) quanto a leitura labial, a qual foi contratada para auxiliar um aluno portador da mesma patologia que ela e do mesmo grau de comprometimento.

Com a presença de Cora junto aos professores, muitas atitudes favoráveis a inclusão foram sendo assimiladas e o contato dela com as crianças, foi um passo importante no sentido de modificar atitudes discriminatórias e de criar na escola um ambiente acolhedor, não só para ela como também para outros dois deficientes auditivos.

Cora, participou de uma entrevista à revista Sentidos n.28, (anexo 6) onde ela relata parte de sua formação educacional. Importante salientar que o fato de ter nascido em uma cidade do interior onde não havia escola especial para surdos, fez com que sua mãe a matriculasse em uma escola regular, (isso depois de muita luta). Entretanto, para que ela pudesse acompanhar seus estudos, a mãe

freqüentou juntamente com ela, todas as séries do ensino fundamental e médio, além de contar com uma fonoaudióloga e uma professora particular para reforço.

Todo esse esforço da família foi compensado. Hoje, a jovem esta cursando o terceiro ano da Faculdade de Educação Física, nas Faculdades Vinhedo, sem nunca ter sido reprovada.

Cora participou de uma aula sobre inclusão no nosso curso, onde foi questionada sobre as dificuldades enfrentadas pelos deficientes em escolas regulares. Segundo ela , sem esse suporte oferecido pela família, ela não teria conseguido vencer as dificuldades do ensino.

Para que seja assegurada uma educação de qualidade ao aluno com necessidades educacionais especiais é preciso rever métodos e conteúdos curriculares , formas de avaliação e sobretudo serviços de apoio, desde a ajuda na classe regular(como vem sendo feito em nossa escola) até a assistência com profissionais especializados fora da escola.

Em 2002, vivenciamos uma complicada situação de inclusão, a qual, pela falta de estrutura física, humana e pedagógica não obteve o resultado, esperado.

12.1 -UMA INCLUSÃO QUE NÃO DEU CERTO

Com uma breve história, pretendo resumir alguns desafios que enfrentamos com a inclusão.

Em 2002 eu lecionava para uma classe de primeira série, quando recebi um aluno com sério comprometimento mental, vindo da APAE(Associação de Pais e Mestres dos Excepcionais) encaminhado pela psicóloga daquela instituição.

Esse aluno, além da deficiência mental era extremamente hiperativo. Não parava na carteira, corria pela sala, e se recusava a fazer qualquer atividade que não fosse os seus “desenhos”, os quais, não passavam de garatujas e borrões.

Logo nos primeiros dias, notei que a posição da sala (2º andar) seria o primeiro obstáculo. Mantinha a porta fechada com chave, evitando que ele saísse e descesse correndo os quarenta degraus que ligavam a sala ao pátio.

Não demorou muito para que a classe começasse a reclamar. Estávamos no verão com um calor insuportável, sem ventilação, as queixas e reclamações eram constantes. Ele corria, derrubava o material das carteiras, comia lápis, borracha e tudo o que via pela frente. Diante das dificuldades encontradas sentia-me dividida entre o que eu desejava fazer com ele e com a classe e o que realmente eu podia fazer.

Após um mês de aula, a direção decidiu transferi-lo para uma classe localizada no térreo, onde estudavam apenas treze alunos, CPI (Classe de Preparação para Inclusão), entretanto, não foi essa a indicação da psicóloga ao encaminhá-lo para nossa escola. Como ele já freqüentava a APAE, com um ensino diferenciado, ela sugeriu que ele estudasse em uma classe de ensino regular (normal) e não a CPI., mas devido ao comprometimento mental e o perigo que representava a estrutura física do prédio foi essa solução encontrada.

Para que essa classe não fosse prejudicada com o comportamento hiperativo desse aluno, foi designada uma estagiária, cuja função era acompanhá-lo durante todo o período, pois ele fugia da classe, se escondia e, em uma ocasião, após ter envolvido vários funcionários à sua procura, foi encontrado atrás dos bujões de gás que alimentavam os fogões da cozinha.

Devido a todos esses problemas e ao pouco progresso que vinha fazendo, por decisão da mesma psicóloga, ele passou a freqüentar apenas duas horas por dia e após alguns meses acabou ficando apenas na APAE.

Durante o tempo que a criança permaneceu na escola, sentimos o interesse e a compreensão dos pais nas tentativas de acerto dentro desse processo de inclusão. Tendo em vista essa experiência negativa temo que a inclusão seja determinada por profissionais que desconheçam a realidade da escola, como a estrutura física do prédio,(sobrado, escadarias) a falta de profissionais com um mínimo de capacitação para acolher determinados tipos de deficiências, contribuindo ainda mais para o insucesso da criança, o stress do professor e a baixa qualidade de ensino que ficará submetida a classe.

13 - DIFERENTES CONCEPÇÕES CURRICULARES.

Através da disciplina, Escola e Currículo, tivemos a oportunidade de refletir as questões curriculares dentro do processo educacional. Isso nos permitiu um posicionamento pessoal crítico quanto as diferentes concepções de currículo, bem como analisar o papel da escola, do professor e do processo de ensino-aprendizagem.

Como estamos vivendo um momento de transição política-administrativa em nosso município, a secretaria da educação enviou as escolas uma pesquisa com o objetivo de conhecer o perfil dos professores, visando a elaboração de nova proposta pedagógica. Isso deixou-me motivada a conhecer as principais tendências das políticas educacionais atuais e suas propostas de organização curricular. Penso que a proposta pedagógica, deva ser construída coletivamente e concretizada num bom planejamento, o que ainda não aconteceu até o momento. Em um encontro realizado com os professores em março deste ano (2005), a secretária da educação apresentou sua linha de trabalho dentro de uma Proposta Pedagógica Humanista.

A ciência que fundamenta este currículo tem suas bases na forma humanística de ver a educação. Portanto o currículo humanístico deve encorajar a auto-realização, propiciar aos alunos a permissão para expressar, agir, experimentar, cometer erros, e descobrir quem são. A educação no concepção humanista tem como finalidade a criação de condições nas quais o aluno possa tornar-se pessoa, que saiba colaborar com os outros sem por isso deixar de ser indivíduo.

Devemos portanto retomar este tema no âmbito municipal, e através da reflexão e estudo que essa disciplina nos proporcionou, teremos maior

embasamento para colaborar de forma efetiva na elaboração de um novo projeto curricular.

Ainda dentro da proposta de trabalho da Secretaria de Educação, senti a preocupação com o envolvimento de crianças, jovens e adultos em novas formas de educação, através da criação de cursos de educação não-formal, em horário oposto ao do ensino regular, visando a valorização, a melhoria da auto-estima e a socialização dos alunos e demais interessados da sociedade.

14 - EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

De acordo com Trilla (1996), o termo educação não-formal, começa a aparecer relacionado a área pedagógica juntamente a uma série de crítica ao sistema formalizado de ensino. O autor aponta que a educação, durante muito tempo era confundida com escola e atualmente essa visão vem se modificando.

Historicamente, segundo Gohn (1999) até os anos 80 a educação não-formal no Brasil, estava ligada a alfabetização de adultos, como as propostas de Freire e outras práticas dos movimentos sociais.

A partir da década de 1990 em virtude das mudanças ocorridas na economia, a prática e o cotidiano, pediam e criavam, mesmo sem o aval acadêmico, outros espaços, outras maneiras de estabelecer relações de ensino-aprendizagem.

Entre os fatores que influenciaram o surgimento da educação não-formal está o fato das escolas não contribuírem de forma satisfatória aos anseios das novas necessidades da sociedade. Por outro lado, a diminuição do número de filhos, e a impossibilidade de utilização de espaços de lazer (ruas e praças) fizeram com que a socialização da criança com o diferente (em idade, gênero, etnia, classe social, etc.) fosse desaparecendo, e para isso a necessidade da criação desse espaço ocupando assim o horário oposto ao ensino formal.

Através da disciplina “ Educação não-formal” pudemos conhecer o maravilhoso trabalho que vem sendo desenvolvido nos quatros municípios que compõem o polo Vinhedo do curso do PROESF.(Valinhos, Itatiba, Indaiatuba e Vinhedo). Com as visitas de observação, passei a conhecer as estratégias pedagógicas utilizadas nos diversos grupos de estudo da educação não-formal de nossa cidade.

Em nossa cidade, podemos observar práticas educativas onde são desenvolvidas diversas formas de linguagem como; dança, música, teatro, ginástica, artesanato, pintura, etc. Esses cursos fornecem uma pluralidade de possibilidades, tendo como público pessoas de todas as faixas etárias.

No Lar da Caridade de Vinhedo (asilo) pudemos conhecer o trabalho desenvolvido pela Terapêutica ocupacional, Juliana Frias Lopes Cardoso Gomes, onde realiza atendimento Terapêutico Ocupacional, duas vezes por semana. O objetivo de seu trabalho junto aos idosos é proporcionar-lhes uma ocupação, desenvolver o raciocínio e a mobilidade física, o companheirismo, o resgate da cidadania e elevar a auto-estima.

As atividades desenvolvidas, envolve todos os idosos que conseguem se deslocar até a sala de terapia onde acontecem os jogos de mesa, artesanato, atividades pedagógicas e exercícios físicos. Para os idosos impossibilitados, que se encontram acamados, são propostos atividades individuais.

Outro local onde acontece educação não-formal, e que tivemos a oportunidade de conhecer foi no espaço cultural, este local atende crianças, jovens e adultos mediante inscrição prévia.(para os alunos feita através da escola) O horário de funcionamento é o oposto ao escolar ou no período noturno de segunda à sexta-feira e os profissionais são remunerados pela prefeitura. As áreas de estudo são: esportes (diversas modalidades de jogos), artes,(música, pintura, dança, teatro) artesanato (corte, costura cerâmica), fanfarra, e coral. As propostas desse tipo de educação, normalmente partem de iniciativa dos órgãos públicos com objetivo de melhorar a formação cultural das crianças e jovens, pois em nosso município, não existe o problema de criança de rua, mas sim os de famílias desestruturadas ou de

baixa renda e para esses existe os chamados Clubinhos que possuem um cunho mais assistencialista e se localizam em bairros periféricos.

Esta disciplina abrange um universo ligado a educação que extrapola os muros da escola, e atualmente, a educação não formal, vem ocupando um espaço significativo no cenário nacional e despertando interesse por parte de diferentes segmentos da sociedade. O fato dessa aprendizagem não acontecer de forma obrigatória, sem existência de mecanismo de avaliação, faz com que os indivíduos que dela participam, tenham uma relação prazerosa com o aprender.

A metodologia utilizada nesta disciplina (apresentação de seminários, visita de representantes de ONGs) propiciou situações e oportunidades de aprendizado para nós professores que muitas vezes no nosso cotidiano não temos oportunidades de vivenciar.

Através das alunas da cidade de Indaiatuba, um dos municípios que compõem o Polo de Vinhedo, tomamos conhecimento do trabalho desenvolvido pela Associação Filantrópica e Assistencial São Francisco de Assis, organização que visa dar assistência e proteção as crianças e adolescentes acometidos de doenças congênitas(vírus HIV, Síndrome de Down, Autismo) ou crianças órfãos oriundas das camadas mais pobres da sociedade.

Indaiatuba hoje, é referencial no atendimento aos portadores do vírus HIV, que se encontram a margem da sociedade. Através dessa entidade assistencial, mantida com ajuda do poder público e da sociedade, os portadores do vírus contam com uma confortável casa abrigo. Seu representante, João Marcos Sanabria, presidente dessa instituição, nos apresentou o trabalho de assistência e

acompanhamento,(educacional, social e profissional) que vem sendo desenvolvido com as crianças e adolescentes que residem nessa instituição.

O assunto abordado veio de encontro ao problema que estou vivenciando em minha sala de aula. Tenho na classe uma aluna portadora do vírus HIV que não se encontra bem de saúde, apesar de continuar freqüentando as aulas. Ao ser matriculada na primeira série em 2004, os pais omitiram o problema de saúde da criança e após alguns meses, a coordenadora tomou conhecimento do caso, pela diretora da creche onde a menina estudava.

Após o primeiro contato com a família, ficamos sabendo que a criança fazia o controle da doença através do hospital da Unicamp, e se encontrava assintomática, apenas portadora do vírus. Através da abordagem feita pelo senhor João Marcos, e as indagações surgidas durante sua exposição, tive outra visão do problema. Recebí uma série de informações pertinentes ao caso e a maneira mais eficaz de ajuda a essa criança e sua família.

Antes de me deter as considerações finais, quero fazer um breve comentário que, ao meu ver, a disciplina que mais distante se mostrou do meu trabalho e portanto menos contribuiu para minha prática pedagógica, foi Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, pois o conteúdo trabalhado, mais especificamente o uso dos gibis (HQs), ocupou grande parte das aulas e tornou-se bastante cansativo e também sem embasamento.

Essa disciplina, com um conteúdo tão rico, poderia ter sido explorada, pesquisada e vivenciada de forma prática, através de imagens e registros da

cidade e da região em que vivemos, para posterior aproveitamento nos projetos pedagógicos. Não resta dúvida que o trabalho que desenvolvemos, com mapas e maquetes, trouxe-me contribuições, mas, ao mesmo tempo, esse é um recurso há muito usado em nossas aulas.

Dentro da proposta pedagógica da disciplina de Geografia, para as classes do ensino fundamental da nossa escola, está o projeto “Eu, Tu, Eles...Na Capela e no Meio Ambiente.” A finalidade desse projeto é conscientizar os alunos da importância do bairro, pois há muita discriminação, preconceito com esse bairro devido ao grande número de habitantes serem oriundos do norte e nordeste brasileiro, portanto não serem “considerados” vinhedenses. Em consequência disso, as próprias famílias não valorizam o bairro. Os cursos de educação não-formal oferecidos pela prefeitura fora do horário escolar tendo como um dos objetivos, ocupar o tempo livre desses menores, não conseguiram atingir o número suficiente de inscrições, pois eles preferem freqüentar os mesmos cursos no centro da cidade e pela falta de condições financeiras para pagar o transporte ,acabam desistindo.

Criamos então, estratégias para trabalhar duas questões elencadas como as mais importantes: estudo do meio e valorização do bairro.

Metodologia usada: Leitura de texto, (históricos, informativos, anúncios e acontecimentos pertinentes ao bairro), entrevistas com moradores novos e antigos, levantamento de dados históricos, de fotos (antigas e atuais) da formação do bairro. Estudo de mapas (retirados de agendas telefônicas e produzidos por eles), passeios (Anexo 5) relatórios, exposição de fotos e trabalhos, etc

Tempo de duração: 2º , 3º , e 4º, bimestres e tendo como público alvo todos os alunos e funcionários da escola, familiares e moradores.

Disciplinas envolvidas: PORTUGUÊS --Pesquisas, textos, entrevistas, relatório. MATEMÁTICA -Tabelas, gráficos, situações problemas. CIÊNCIA -Ciclo natural, meio ambiente, saúde, higiene (ambiental, física, alimentar) HISTÓRIA E GEOGRAFIA -Linha do tempo, coleta de dados, biografia patrono da escola, transformações espaço/tempo, mapas. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - Confecções de maquetes, mapas, recortes desenhos, e música com a linguagem de sinais.

Esperamos desenvolver um trabalho satisfatório, mudando com isso, a visão dos alunos, familiares e demais moradores do bairro quanto aos aspectos sociais de valorização e socialização dessa parte da população vinhedense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desse memorial proporcionou-me uma viagem ao passado, com base em lembranças de fatos e acontecimentos que colaboraram para meu projeto de vida pessoal e profissional.

Durante esse exercício de recordação, através dessa viagem simultaneamente histórica e reflexiva, pude avaliar meu posicionamento frente as expectativas de cada nova fase empreendida, bem como ao término das mesmas, (formação primária, secundária, superior) meus empregos, minhas perdas e conquistas.

A finalidade principal do meu ingresso neste curso foi apropriar-me de fundamentação teórica para com minha prática docente, de vivenciar novas experiências, novos procedimentos e alternativas para a partir deles, pensar e atuar de maneira flexível junto aos meus alunos.

O aprender contínuo é fundamental em qualquer profissão, contudo no educador ele adquire um caráter essencial, pois o crescimento pessoal e profissional reflete não em uma, mas em muitas vidas que nos foram confiadas.

Quero finalizar com uma prece, pedindo a proteção de Deus, “O mestre por excelência”

“ Senhor diante de vós, com meus alunos,

Tomo consciência de minha responsabilidade

e de minhas limitações como educador

e com eles, procuro a resposta.

Senhor, para uma melhor integração

dos homens entre si e convosco,

quero fazer da ciência um diálogo;

da minha aula um lar;

dos meus alunos, amigos;

de minha vida, um dom.

Trago nos olhos e no coração

o nome, a família, e o mundo de cada um.

Senhor, como agente da história que sou,

De mim dependerá deixar o mundo um pouco melhor”.

Joaquim Sfredo (adaptado)

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Fernando Professor "O que é construtivismo". Série de idéias nº20. São Paulo. FDE, p 87-93, 1994.

CIASCA, Sylvia. " Distúrbio da Aprendizagem". APAE-35 anos, Campinas, nº 2,p.8,2001/2002.

CORLONE, Rosemberg. Dislexia. Nova Escola. Editora Abril. p. 47, 1995.

ELKIND, David. Corrompendo o modo de Brincar das Crianças. Pátio. Porto Alegre RS, nº 31, p 50-53, agosto/outubro,2004.

ESTILL, Clélia A F. Entrevista Exclusiva. Disponível em:

MOBRAL, http://www.abpp.com.br/listagem_psicopedagogos.htm acesso em 23 maio 2005.

FAGUNDES, Lea. Podemos vencer a exclusão Digital. Nova Escola. nº 172, p.24-26, maio 2004.

FERREIRO, Emília. Caderno de Pesquisas. A representção de Linguagem e o processo de alfabetização. nº 52, 1995.

FILHO, Augusto do Santos Machado. Revista Desperta!. Como conviver com uma deficiência de aprendizagem, Editora Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados: São Paulo: Cesário Lange, Fev. 1997.

GALVÃO, Stela. Dislexio pode esconder talento incomum. O Estado de São Paulo. São Paulo, A30, 06/08/95.

MARQUES, Mario Osório; CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Daisy Maria Barella; OLIVEIRA, Volmir . 4 Vidas, 4 Estilos, a mesma paixão, Editora UNIJUÍ: Rio Grande do Sul: Ijuí, 1999.

MARTINS, Vicente. A dislexia em sala de aula. @prender. Marília. São Paulo. p 28-32. Jan/ Fev, 2000.

POZO, Juan I. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento, Pátio, Porto Alegre ,nº 31 p.8-11

RODRIGUES, Norberto. Problema pode ser adquirido por adulto. . O Estado de São Paulo. São Paulo, A30, 06/08/95.

RODRIGUES, Evaldo J.B. Dislexia. Correio Popular .Campinas 10/11/2000.Saúde p 4

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. Pátio. Ariméd. nº29 Fev/ Abril, 2004.

VIANA, Estela. Informática contra a dislexia. Ano 2 nº8 dez/2002. Disponível em: <http://www.unifesp.br/comunicacao/SP>. Acesso em 20 maio 2005.

WEIZ, Telma/ Sanches, Ana “ O diálogo entre o Ensino e a aprendizagem”. São Paulo. Ática, 2002 133p.

ANEXOS

Nº 1 – PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO PELA TV.

Nº 2 – FESTIVAL SERTANEJO FOI SUCESSO.

Nº 3 – MOBILIDADE PROVAS ESPORTIVAS.

Nº 4 – UMA CORRIDA MUITO ESPECIAL.

Nº 5 – EDUCAÇÃO.

Nº 6 – ENTREVISTA COM CORA.

